

INFÂNCIA E JUVENTUDE PARA UMA AUTOBIOGRAFIA DO SÉCULO XIX: F.-R. DE CHATEAUBRIAND

Beatriz Cerisara GIL*

RESUMO: Este artigo pretende analisar o quadro da infância apresentado nas *Mémoires d'outre-tombe*, de F.-R. de Chateaubriand, e avaliar a repercussão dos procedimentos literários dentro de uma narrativa que joga com os elementos de origem e de formação do protagonista, para criar o diálogo necessário entre uma identidade que se quer instável e uma sociedade em mutação.

PALAVRAS-CHAVE: Infância. Tradição. Memórias. Século XIX. F.-R. de Chateaubriand.

Introdução

Tenho procurado analisar, em meu trabalho, o percurso de F.-R. de Chateaubriand memorialista na construção de sua escrita autobiográfica, monumentalmente complexa, expostasobretudo em *Mémoires d'outre-tombe*. No processo de estudo deste textodefrotei-me com uma vigorosa obra literária que procura articular formação e trajetória pessoal com quadro histórico, expondo, numa narrativa híbrida, documentos autênticos como correspondências e certidões, por exemplo, no intuito de recuperar a história em toda a sua materialidade no momento especial das vertiginosas transformações sofridas pela sociedade francesa com o evento da Revolução Francesa. Um grande ponto de tensão nessa perspectiva memorialística é a inserção/construção do eu protagonista e narrador nesta realidade de profunda mudança social e política. Lembremos que Chateaubriand nasce em 1768 e morre em 1848, e que, num

* UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras – Departamento de Línguas Modernas. Porto Alegre, RS – Brasil. 91540-000 – beatriz.gil@uol.com.br

prefácio escrito em 1833 (*Préface Testamentaire*) seu projeto de memórias será descrito pelo próprio autor nos seguintes termos:

Si j'étais destiné à vivre, je représenterais dans ma personne, représentée dans mes mémoires, les principes, les idées, les événements, les catastrophes, l'épopée de mon temps, d'autant plus que j'ai vu finir et commencer un monde, et que les caractères opposés de cette fin et de ce commencement se trouvent mêlés dans mes opinions (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.1541).¹

Para além da **exterioridade** histórica à qual me dediquei anteriormente em outros trabalhos e que também faz refletir na narrativa os dilaceramentos do memorialista às voltas com seus dois universos referenciais, o do Antigo Regime e o da sociedade francesa pós-revolucionária, considero interessante abordar uma outra perspectiva deste texto que discute e expõe com lentes de aumento a construção de uma consciência memorialística moderna.

Trata-se, no caso, de tentar entender aqui como Chateaubriand explora o âmbito específico de sua infância e juventude ao vasculhar suas lembranças dos tempos mais remotos e compor uma subjetividade autobiográfica na escrita de suas *Mémoires d'outre-tombe*. Será possível identificar aí, nos capítulos dedicados a esse tema, uma espécie de pequeno **cosmos** biográfico que vincula vida íntima e imaginária com história familiar, na formação do homem Chateaubriand, em plena virada do século XVIII para o século XIX.

Convém abrir um parêntese e assinalar que, por volta de 1802, Chateaubriand já havia escrito parte importante de suas reflexões sobre o homem moderno e uma poética ocidental tributária da tradição cristã. O autor de *O Gênio do cristianismo* considera que, para este novo homem nascido da ruptura histórica radical que foi a Revolução Francesa, as referências e valores cristãos ainda deveriam constituir um esteio fundamental tanto no plano moral como para o pensamento estético das sociedades modernas. Suas considerações, que expressam e talham o espírito de uma época, presentes num esquecido capítulo de *O Gênio* e essenciais sobre a questão, são inspiradoras para as gerações românticas seguintes. O capítulo em questão, "*Du vague despassions*" (CHATEAUBRIAND, 1978), é curto, porém pungente. Em meio às incertezas de uma época revolucionada, que pode se apresentar sob

¹ São minhas todas as traduções dos textos de F.-R. de Chateaubriand que insiro neste trabalho. "Se me fosse destinado viver, representaria em minha pessoa, representada em minhas memórias, os princípios, as ideias, os eventos, as catástrofes, a epopeia de meu tempo, tanto mais que vi terminar e começar um mundo, e vi o quanto as características opostas deste fim e deste começo encontram-se misturadas em minhas opiniões." (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.1541).

uma face libertadora mas também se revelar como profundo impasse político e social, Chateaubriand capta o que designou como *mal du siècle* e define os contornos do que parece querer caracterizar o homem de seu tempo: um vazio de espírito que teria sua origem na especificidade dos laços sociais e políticos da vida moderna.

Mas, enfim, não pretendo abordar aqui longamente as mudanças de projetos do autor no tortuoso processo de escrita das *Mémoires d'outre-tombe*, que se desenvolveu durante pelo menos quarenta anos. Ressalto, no entanto, que este processo passou basicamente por três fases, sendo as duas últimas resultantes do desejo do autor de, respectivamente, incluir a etapa de sua infância e juventude, não prevista inicialmente, e, a seguir, inserir neste quadro inicial escrito da **autobiografia** uma perspectiva mais ampla da realidade histórica.

Os livros dos quais nos ocuparemos a seguir, aliás, são aqueles que, apesar da relutância inicial do autor em escrevê-los, segundo ele próprio, teriam lhe dado maior satisfação e teriam sido em grande parte redigidos/ou revisados quando o autor era ministro em Berlim e, depois, no final de sua vida retirado nos arredores de Paris, em La Vallée-aux-Loups².

A fim de direcionar algumas de nossas questões, mencionemos desde já uma observação, em princípio enigmática, do memorialista, segundo a qual todo homem possui uma necessária e irreduzível interioridade, sentindo-se ou não estranho ao mundo: “*Chaque homme renferme en soi un monde à part, étranger aux lois et aux destinées générales des siècles.*” (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.706)³. Pergunta-se: de que modo a representação romântica deste homem às voltas com dois mundos distintos, um interno, alheio ao tempo histórico, e outro supostamente **exteriorizado**, intercambiáveis ou não, vai dando forma às suas memórias redefinindo o memorialismo na primeira metade do século XIX? E, mais especificamente, como a composição nascimento-infância-juventude forma um espaço narrativo particular que repercute na visão geral que a obra propõe sobre o homem da modernidade?

Sem querer desenvolver aqui amplamente as respostas para estas questões, vamos ao menos a algumas pistas sobre o tema, abordando as bases do imaginário de nosso memorialista nas quais ele se situa.

² São os cinco primeiros livros do total de quarenta e dois.

³ “Cada homem traz em si um mundo à parte, estranho às leis e ao destino geral dos séculos.” (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.706).

Uma revolução *avant la lettre*: imagens do nascimento

O período da infância em *Mémoires d'outre-tombe* não se limita apenas à narrativa das lembranças mais caras ao protagonista François-René de Chateaubriand. Para além da mera reconstituição do ambiente familiar de nobreza da província bretã, é marcante a apresentação de um cenário físico, geográfico, que impregna as metáforas da identidade do jovem François-René. Este ambiente, cheio de imagens de instabilidade e de efemeridade, dá os fundamentos a esta identidade que se caracterizará pela maleabilidade e pela capacidade de adaptação nos planos intelectual e afetivo. Pouco a pouco vemos projetar-se, em toda a sua plasticidade, o perfil do protagonista-narrador que ora se encontra em consonância ora em contraste com o mundo circundante. E, não raras vezes, propõe uma síntese desses dois estados. É a partir desta matriz volátil, creio, que vemos esboçar-se inicialmente o quadro no qual é mostrada a **arte** do nascimento do protagonista. É uma questão desde então se impõe: como se dá o aparecimento desta criança cuja existência se transformará num percurso simbólico ligando a antiga ordem feudal e o novo horizonte republicano e democrático que inspira a França após 1789? Qual deve ser a **natureza** deste personagem que testemunha as tormentas revolucionárias e que acompanha a sucessão de eventos que aprofundará a Revolução?

Avancemos uma primeira resposta. Um protagonista ora **maleável** ora cindido nos é apresentado mediante estratégias formais que qualificam sua relação com aquilo que constitui a realidade histórica. Em outros termos, estamos diante de um dos dispositivos da narração que problematiza as relações entre o protagonista e as transformações históricas de seu tempo, seja pela atitude de rejeição ou de adesão mais ou menos explícita face aos valores políticos, sociais, morais ou estéticos em jogo. Mas, principalmente, o que nos interessa sobretudo aqui: fica bastante clara a ênfase do autor sobre o quanto a problemática da volubilidade dos eventos de seu tempo deve atingir e mesmo constituir o jovem Chateaubriand que, diga-se, entre outras coisas também se tornará homem público, político, embora **destituído** de suas funções durante grande parte de sua vida.⁴ Uma primeira evidência dessa preocupação é a manifestação, já na narrativa de seu nascimento, de uma sensível disposição para recusar o mundo. Estranho no seio de sua própria família e, depois, em Paris ou diante da Corte de Versalhes, o jovem traz em si uma resistência

⁴ Chateaubriand participa apenas por um período do governo monárquico da Restauração dos Bourbons na França, estando à margem do poder nos outros regimes.

indômita frente às coisas. É neste sentido, no da construção de uma imagem de resistência, que os movimentos do corpo e do espírito de nosso autobiógrafo são expressos por uma variedade considerável de metáforas que traduzem contradições importantes. Não por acaso vemos no retrato das origens de si que faz o memorialista uma **inconsistência**, uma mobilidade fugidia, a referência a um “*coeur inexplicable*”, além das rebeliões na vida familiar e na escola e, depois, seus devaneios no despertar da sexualidade púbere.

O narrador-protagonista nos conta como, em 1768, em Saint-Malo, ele vem ao mundo, frágil, quase morto, sendo entregue a sua ama-de-leite, Villeneuve, a qual assumirá seus cuidados em Plancoët, cidade da avó materna. As cores sombrias da natureza, dura e inexorável, com as quais é descrita a paisagem da Bretanha no exato momento em que nasce François-René aparecem já no capítulo dois do primeiro livro. O narrador aproxima a cena de nascimento do protagonista ao aspecto sombrio do mundo na seguinte passagem:

Le mugissement des vagues, soulevées par une bourrasque annonçant l'équinoxe d'automne, empêchait d'entendre mes cris : on m'a souvent conté ces détails; leur tristesse ne s'est jamais effacée de ma mémoire. Il n'y a pas de jour où, rêvant à ce que j'ai été, je ne revois en pensée le rocher sur lequel je suis né, la chambre où ma mère m'infligea la vie, la tempête dont le bruit berça mon premier sommeil, le frère infortuné qui me donna un nom que j'ai presque toujours traîné dans le malheur. Le Ciel sembla réunir ces diverses circonstances pour placer dans mon berceau une image de mes destinées (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.128).⁵

A borrasca, como um acidente da natureza a prenunciar o que será sua longa existência e seu destino no mundo, anuncia a chegada da criança num ambiente cinzento que fornece as imagens **originais** assinalando o futuro incerto e tumultuado, que, aliás, mais adiante também será objeto da narrativa.

Após os cuidados de sua ama-de-leite, de retorno a Saint-Malo e novamente junto aos pais, François-René retoma seu lugar de filho caçula passando então a viver diante da agitação dos mares que banham seu vilarejo e em cujos rochedos e brumas o menino aprende a brincar. De modo contraditório, ele

⁵ “O bramido das vagas, revolvidas por uma borrasca que anunciava o equinócio de outono, impedia que se ouvissem meus gritos: muitas vezes me contaram esses detalhes; a tristeza de seus rostos nunca mais se apagou de minha memória. Não há dia em que, meditando sobre o que fui, não reveja em pensamentos o rochedo sobre o qual nasci, o quarto em que minha mãe infligiu-me a vida, a tempestade cujo barulho embalou meu primeiro sono, o irmão desventurado que me deu um nome que arrastei à desgraça por quase toda vida. O céu parece ter reunido estas diversas circunstâncias para colocar em meu berço uma imagem de meu destino.” (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.128).

vai se entregar a esta atmosfera que, de um lado, lhe inspira austeridade e, de outro, lhe provoca as melhores sensações de independência e de leveza de espírito. Mais uma vez o movimento dos fenômenos naturais pode corresponder às suas disposições mais íntimas. “*J'en doute : ces flots, ces vents, cette solitude qui furent mes premiers maîtres, convenaient peut-être mieux à mes dispositions natives ; peut-être dois-je à ces instituteurs sauvages quelques vertus que j'aurais ignorées.*” (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.151)⁶.

Mas este mesmo cenário rude e instável que envolve o protagonista dá conformação também a seu universo íntimo que aparece frequentemente sob uma forma difusa. Símbolo de agitação e movimento, o mar traduz toda a imprecisão de sua própria imagem: “*Salut, ô mer, mon berceau et mon image! Je te veux raconter la suite de mon histoire : si je mens, tes flots, mêlés à tous mes jours, m'accuseront d'imposture chez les hommes à venir.*” (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.152)⁷.

Seguindo a leitura que estou propondo aqui, esta imagem da criança é construída em vista de uma adaptação diante da imprevisibilidade do futuro, e é dentro desta perspectiva que a narrativa vai gradativamente criando uma fusão entre as referências fluviais, a violência dos ventos e os impulsos mais íntimos de François-René. Estas imagens, que vão inspirar alguns de seus devaneios e metaforizar traços de seu caráter, sugerem ou anunciam também o imponderável dos eventos históricos que ele virá a conhecer. Referência de seu ambiente, o mar lhe permite misturar a geografia da região natal à sua história pessoal, definindo sua posição sobre o “*globe terrestre*” a partir de seu lugar de nascimento.

As nuances das cores são igualmente importantes: os elementos deste mundo exterior estabelecem uma ligação fundamental entre o ser que vem ao mundo e a particularidade da cena original. Este quadro construído de modo a reunir os sinais de seu meio tem relação estrita com os esboços iniciais de sua identidade: pela singularidade do traçado da paisagem, o memorialista forja a imagem de sua existência individual, e organiza seus próprios símbolos e mitos.

É nesse sentido que um outro enunciado, presente numa das *Incidences* do livro 12, pode ser lido em conjunto com as citações acima. Ao abordar as

⁶ “Duvido: estas ondas, estes ventos, esta solidão que foram meus primeiros mestres, convinham talvez mais às minhas disposições nativas; devo talvez a estes mestres selvagens algumas virtudes que teria ignorado sem eles.” (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.151)

⁷ “Salve, oh mar, meu berço e minha imagem! Quero narrar a continuação de minha história: se eu mentir, tuas ondas, misturadas a todos os meus dias, me acusarão de impostura diante dos homens que virão.” (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.152).

Infância e juventude para uma autobiografia do século XIX: F.-R. de Chateaubriand

relações entre as literaturas e as línguas, o memorialista defende a ideia de que “[...] *le style n’est pas comme la pensée, cosmopolite: il a une terre natale, un ciel, un soleil à lui.*” (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.571)⁸.

Parece-nos evidente que aquela composição poética constituída pelas imagens fundadoras, ao criar um jogo de espelhos entre a instância do eu e o meio externo, oscilando incessantemente entre a ancoragem e a fuga, produz também uma **voz local**. Os sinais de descentramento que desembocam na ideia de fusão são, aliás, de tal forma recorrentes que lá nos últimos capítulos da obra o narrador ainda dirá que “[...] *les lieux semblent voyager avec moi, aussi mobiles, aussi fugitifs que ma vie.*” (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.618)⁹.

Registre-se, enfim, que estas figuras da volubilidade se tornam parte de sua linguagem autobiográfica, ou mesmo sua própria língua, como assim parece desejar o memorialista.

Entre a melancolia e a revolta: juventude em suspenso

A consequência imediata da **fatalidade** do nascimento e da maleabilidade de espírito expostas acima é o distanciamento do protagonista em relação a posturas tradicionais, familiar e social, confinando-o numa espécie de isolamento e solidão, que pretendem coincidir, no entanto, com uma independência intelectual, manifestada em âmbitos diversos.

Destaquemos que o jovem Chateaubriand, caçula, que não se beneficia grandemente da herança paterna, sem portanto estar submetido a severo controle paterno, vai sentir muito cedo os efeitos de uma vida mais ou menos frouxa, desembaraçada das limitações e protocolos familiares que se destinam quase exclusivamente a seu irmão primogênito. Assim ele se verá relegado às “*mains des gens*”, dispensado da atenção privilegiada dos pais, ainda que reconheça para si um tratamento distinto àquele concedido a suas irmãs, admitindo “[...] *comme garçon, comme le dernier venu, comme le Chevalier quelques privilèges sur sessoeurs.*” (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.130)¹⁰. Esta situação que lhe permite gozar de uma relativa liberdade, lhe deixando a oportunidade de vaguear pelas praias de sua região natal, como já mencionei

⁸ “[...] o estilo não é como o pensamento, cosmopolita: ele tem uma terra natal, um céu, um sol que lhe é próprio.” (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.571).

⁹ “[...] os lugares parecem viajar comigo, tão móveis, tão fugidios quanto minha vida.” (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.618).

¹⁰ Admite que sendo menino e caçula ainda assim possui privilégios sobre suas irmãs.

antes, tem contudo suas contradições. Nos desvios da indisciplina, entregue a si mesmo, e ainda dentro de uma atmosfera de confusão entre espaço geográfico e desordens das paixões, Chateaubriand transgride as normas escolares e desafia a autoridade familiar, atitudes que passam a ser percebidas pela família e que serão veementemente condenadas, conforme nos mostra a passagem a seguir:

Je commençais à passer pour un vaurien, un révolté, un paresseux, un âne enfin. Ces idées entraient dans la tête de mes parents : mon père disait que tous les chevaliers de Chateaubriand avaient été des fouetteurs de lièvres, des ivrognes et des querelleurs. Ma mère soupirait et grognait en voyant le désordre de ma jaquette. Tout enfant que j'étais, le propos de mon père me révoltait ; quand ma mère couronnait ses remontrances par l'éloge de mon frère qu'elle appelait un Caton, un héros, je me sentais disposé à faire tout le mal qu'on semblait attendre de moi. (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.131)¹¹.

Esses eventos da infância levam o narrador a uma reflexão sobre sua educação e suas influências familiares, propiciando por fim uma conclusão a respeito de si mesmo. Feitas todas as contas, os humores dos pais e as orientações de sua educação tornaram afinal suas ideias “[...] *moins semblables à celles des autres hommes*”, imprimindo a seus sentimentos “*un caractère de mélancolie née chez moi de l'habitude de souffrir à l'âge de la faiblesse, de l'imprévoyance et de la joie.*” (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.150)¹².

A melancolia e o isolamento, enfim, também se relacionam com a fecundidade do imaginário do Chateaubriand adolescente e participarão inextricavelmente deste caráter flexível e **inacabado** do protagonista.

Por outro lado, não podemos deixar de notar o quanto a formação da individualidade passará pela recuperação e valorização de elementos simbólicos, que vão marcar a trajetória de nobreza deste homem em breve lançado nas circunstâncias inéditas de uma sociedade revolucionada, cujo controle será profundamente disputado e negociado pelas forças sociais e políticas bastante divergentes da época.

¹¹ “Começava a passar por indolente, revoltado, preguiçoso, um asno enfim. A cabeça de meus pais era tomada por essas ideias: meu pai dizia que todos os cavaleiros de Chateaubriand haviam sido caçadores de lebres, bêbados e brigões. Minha mãe suspirava e resmungava ao ver a desordem de minha jaqueta. Mesmo ainda sendo muito criança, as palavras de meu pai me revoltavam; quando minha mãe coroava suas censuras com elogio a meu irmão, chamando-o de Catão, de herói, sentia-me disposto a fazer todo o mal que pareciam esperar de mim.” (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.131).

¹² “[...] uma personalidade melancólica nascida em mim pelo hábito de sofrer na idade da fraqueza, da imprevidência e da alegria.” (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.150).

Simbologia no vazio do castelo de Combourg

Então vejamos de que modo e em que lugares o isolamento e o desamparo mostram-se nestas circunstâncias de vida.

O contexto, esclareça-se, é aquele em que o jovem Chateaubriand, após um tempo de espera, recebe a negativa para o *brevet* que o permitiria integrar a Marinha Real. A seguir, em 1784, diante da alternativa de prosseguir seus estudos em Dinan, para ingressar na ordem religiosa, ele retorna para a casa de sua família abruptamente, sem informar aos pais e sem saber exatamente que rumo tomar dentre as possibilidades de uma carreira que se lhe ofereciam: vida religiosa, militar ou uma viagem às Índias, por exemplo, tendo como pretexto o comércio. Diz ele sobre esta indefinição :

J'aurais beaucoup aimé le service de la marine si mon esprit d'indépendance ne m'eût éloigné de tous les genres de service : j'ai en moi une impossibilité d'obéir. Les voyages me tentaient, mais je sentais que je ne les aimerais que seul, en suivant ma volonté. Enfin, donnant la première preuve de mon inconstance, sans en avertir mon oncle Ravenel, sans écrire à mes parents, sans en demander permission à personne, sans attendre mon brevet d'aspirant, je partis un matin pour Combourg où je tombai comme des nues. (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.190)¹³.

O castelo de Combourg, local cujas referências se ligam à família paterna e para onde ele retorna, permanecendo em uma espécie de retiro durante dois anos, vai oferecer um quadro densamente cinzento para emoldurar um dos capítulos mais tocantes da obra. Este castelo, símbolo da nobreza paterna, mergulhado em tradição e ambiente feudais, inspira no jovem cavaleiro a admiração pelos mitos das florestas de Brocéliande com os quais ele alimenta seu espírito melancólico na plena solidão do lugar.

As experiências aí vividas, sintetizadas naquilo que chama de “*deux années de délire*”, conjugam devaneios amorosos e o despertar da sexualidade, além de proporcionarem uma descrição avassaladora da rotina da vida familiar dentro do castelo.

Ao lado da irmã Lucile e dos pais, indulgentes em relação a seu imobilismo na escolha de uma carreira, ele se põe a vasculhar suas inclinações e qualidades

¹³ “Eu teria apreciado muito o serviço da marinha, se meu espírito de independência não me distanciasse de todo o tipo de ofício: trago em mim uma impossibilidade de obedecer. As viagens me tentavam, porém sentia que as apreciaria estando sozinho e seguindo minha própria vontade. Dando, enfim, a primeira prova de minha inconstância, sem advertir meu tio Ravanel, sem escrever a meus pais, sem pedir permissão a ninguém, sem aguardar minha carta de aspirante, parti certa manhã para Combourg, onde cheguei como se tivesse caído das nuvens.” (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.190).

que supõe talvez um dia ver reveladas ou reconhecidas. Vivendo em sentimentos opostos, entre a melancolia e o desejo de movimento ou de aventura, entrega-se a um tipo de vida selvagem alternando seus humores entre um vago sublime, o desejo de liberdade, a cumplicidade com a irmã e o temor a seu pai. Esta condição, na qual liberdade e solidão se confundem, é bem descrita pelas palavras do memorialista enunciadas mais tarde por ocasião da morte de seu pai: “*Désormais j’étais sans maître et jouissant de ma fortune: cette liberté m’effraya. Qu’en allais-je faire? À qui la donnerais-je? Je me défais de ma force ; je reculais devant moi.*» (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.240)¹⁴.

Mas é no âmbito desses devaneios que se mesclam, além de um puro desejo sexual aparentemente sem objeto, o gosto pela poesia e pela escrita. E é precisamente essa paixão poética, inspirada na solidão meditativa do poeta, que sustenta seu olhar melancólico, conforme ele anuncia: “*C’est dans les bois de Combourg que je suis devenu ce que je suis, que j’ai commencé à sentir la première atteinte de cet ennui que j’ai traîné toute ma vie, de cette tristesse qui a fait mon tourment et ma félicité.*” (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p. 223)¹⁵. Ainda, a calma morna deste lugar que abrigará esta experiência essencial do jovem *em suspenso*, será assim traduzida: “*En commençant à parler de Combourg, je chante les premiers couplets d’une complainte qui ne charmera que moi [...]*” (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p. 160)¹⁶.

Nessas condições aparecem as imagens das sílfides, mulheres imaginárias que serão transfiguradas e adaptadas conforme o gosto, a criatividade e as exigências do jovem e que vão se manifestar também como fonte de energia poética.

Em suma, são estas as principais questões desta narrativa que o período de Combourg compreende. Convém nos determos um pouco mais sobre elas para observar toda a riqueza do quadro traçado na obra, e notar de que forma esta grande imagem do castelo de Combourg sintetiza com excelência a visão de Chateaubriand sobre as mudanças de seu tempo, mais propriamente sobre o luto que essas mudanças produzem.

¹⁴ “A partir de então me encontrava sem mestre, desfrutando de minha fortuna: esta liberdade me amedrontava. Que faria com ela? A quem a concederia? Eu desconfiava de minhas forças; recuava diante de mim mesmo.” (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.240).

¹⁵ “Foi nos bosques de Combourg que me tornei o que sou, que comecei a sentir os primeiros sinais deste enfado que arrastei por toda minha vida, desta tristeza que foi meu tormento e minha felicidade.” (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.223).

¹⁶ “Começando a falar de Combourg, eu canto as primeiras estrofes de uma cantilena que só cativará a mim mesmo [...]” (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.160).

Primeiramente, já o dissemos, este quadro nos remete aos valores do Antigo Regime na França, os quais, em grande medida, o memorialista representa. Do ponto de vista social, o castelo de Combourg havia sido uma aquisição capital para a família Chateaubriand. O pai, a partir deste fato, torna-se um proprietário senhorial com todos os direitos feudais que este domínio na Bretanha e a posição lhe conferem. Enquanto senhor do lugar, ele reina absoluto, tomando todas as providências relativas à vida do vilarejo, de um lado, sem descuidar da disciplina e da ordem dentro da rotina do castelo junto à sua família, de outro lado. E é este estado que o escritor explora a partir da perspectiva de filho, que sente sobre si o peso da autoridade silenciosa do pai, ao mesmo tempo poderosa e esmagadora. À exceção dos raros momentos festivos que fazem reviver os costumes antigos em festas, jogos e cantos, atraindo os habitantes da cidade geralmente em datas religiosas, o tempo era em regra preenchido pelo ritual pesado do quotidiano da família. Tudo ganhava um contorno sombrio neste ambiente medieval: os silêncios e o temperamento taciturno do pai, os movimentos previsíveis, a torre onde o menino se isolava.

Assim é que já nos primeiros livros das *Mémoires d'outre-tombe*, encontramos o que parece se apresentar como um emblema do cruzamento de dois tempos: o anúncio da derrocada de uma era e de seus valores, narrado da perspectiva igualmente transitória das mudanças na puberdade do protagonista. Trata-se, portanto, de representar, pelas figuras e imagens da vida no Castelo, uma espécie de vácuo que se estabelece entre o fim do Antigo Regime e o início de um novo tempo de incerteza para o protagonista. Nos domínios de Combourg, o jovem cavaleiro vive de um imaginário em ebulição, fruto de uma passagem do tempo pessoal, enquanto ouve ressoar, em outro ritmo, como cacoetes anacrônicos, os gestos repetitivos estacionados numa tradição histórica. Nesse ambiente, os passos do pai acompanham o ritmo do pêndulo do castelo:

Les distractions du dimanche expiraient avec la journée ; elles n'étaient pas même régulières. Pendant la mauvaise saison, des mois entiers s'écoulaient sans qu'aucune créature humaine frappât à la porte de notre forteresse. Si la tristesse était grande sur les bruyères de Combourg, elle était encore plus grande au château [...] Le calme morne du château de Combourg était augmenté par l'humeur taciturne et insociable de mon père. Au lieu de resserrer sa famille et ses gens autour de lui, il les avait dispersés à toutes les aires de vent de l'édifice. Sa chambre à coucher était placée dans la petite tour de l'est, et son cabinet dans la petite tour de l'ouest. [...]

Lorsqu'en se promenant, il s'éloignait du foyer, la vaste salle était si peu éclairée par une seule bougie qu'on ne le voyait plus ; on l'entendait seulement encore marcher dans les ténèbres : puis il revenait lentement vers la lumière et émergeait peu à peu de l'obscurité, comme un spectre, avec sa robe blanche, son bonnet blanc, sa figure longue et pâle. Lucile et moi, nous échangeions quelques mots à voix basse, quand il était à l'autre bout de la salle ; nous nous taisions quand il se rapprochait de nous. Il nous disait, en passant : « De quoi parliez-vous ? » Saisis de terreur, nous ne répondions rien ; il continuait sa marche. Le reste de la soirée, l'oreille n'était plus frappée que du bruit mesuré de ses pas, des soupirs de ma mère et du murmure du vent.

Dix heures sonnaient à l'horloge du château : mon père s'arrêtait ; le même ressort, qui avait soulevé le marteau de l'horloge, semblait avoir suspendu ses pas. Il tirait sa montre, la montait, prenait un grand flambeau d'argent surmonté d'une grande bougie, entrait un moment dans la petite tour de l'ouest, puis revenait, son flambeau à la main, et s'avancait vers sa chambre à coucher, dépendante de la petite tour de l'est. Lucile et moi, nous nous tenions sur son passage ; nous l'embrassions en lui souhaitant une bonne nuit. Il penchait vers nous sa joue sèche et creuse sans nous répondre, continuait sa route et se retirait au fond de la tour, dont nous entendions les portes se refermer sur lui.

Le talisman était brisé ; ma mère, ma soeur et moi transformés en statues par la présence de mon père, nous recouvrons les fonctions de la vie.¹⁷ (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.196-199).

É este jovem paralisado que, nesta espécie de encenação macabra, se prepara para a **escolha** e coloca as questões sobre seu futuro. Mas, principalmente, por outro lado, é este mesmo personagem que, esvaziado de ambições sociais e em

¹⁷ "As distrações do domingo terminavam com o dia; e não eram sequer regulares. Durante a má estação, passavam-se meses inteiros sem que alguma criatura humana batesse à porta de nossa fortaleza. Se a tristeza era grande nas charnecas de Combours, ela era ainda maior no castelo [...] A calma morna do castelo de Combours aumentava com o espírito taciturno e insociável de meu pai. Ao invés de agregar a família e os seus em torno de si, ele os dispersava aos quatro cantos do edifício. Seu quarto de dormir ficava na pequena torre do leste, e seu gabinete na pequena torre do oeste. [...] Quando, ao caminhar, ele se distanciava do fogo, a vasta sala tão pouco iluminada com uma única vela não nos permitia mais vê-lo; escutávamos apenas seus passos nas trevas; em seguida ele voltava lentamente em direção à luz e emergia pouco a pouco da escuridão, como um espectro, com sua veste branca, sua touca branca, sua figura comprida e pálida. Lucile e eu trocávamos algumas palavras em voz baixa, quando ele estava do outro lado da sala; nos calávamos quando ele se aproximava. Passando por nós, dizia-nos: 'De que estavam falando?' Tomados de pavor, não respondíamos nada; ele continuava sua caminhada. No resto da noite, não se ouvia nada além do barulho compassado de seus passos, dos suspiros de minha mãe e do murmúrio do vento. Soavam dez horas no relógio do castelo: meu pai parava; a mola que erguia o badalo do relógio parecia ser a mesma que detinha seus passos. Ele pegava seu relógio, dava-lhe corda, tomava um grande castiçal de prata com uma grande vela, entrava por instantes na torre do oeste, em seguida voltava com o castiçal a mão e dirigia-se para o quarto de dormir, contíguo à pequena torre do leste. Lucile e eu o abordávamos em seu trajeto; dávamos-lhe um beijo, desejando boa noite. Ele inclinava para nós seu rosto encovado e rude sem nos responder, continuava seu caminho e se retirava para o fundo da torre, cujas portas ouvíamos bater atrás dele. Quebrava-se o talismã; minha mãe, minha irmã e eu, transformados em estátuas pela presença de meu pai, recobrávamos as funções vitais." (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.196-199).

Infância e juventude para uma autobiografia do século XIX: F.-R. de Chateaubriand estado de perplexidade, se achará razoavelmente bem equipado para percorrer as transformações profundas e para pretender refletir sobre os caminhos possíveis da história presente¹⁸.

A mudança e a vulnerabilidade, que constituem a alma deste protagonista, deverão enfim mantê-lo no turbilhão dos tempos modernos.

*Tandis que ma mère soupirait, mes soeurs parlaient à perdre haleine, je regardais de mes deux yeux, j'écoutais de mes deux oreilles, je m'émerveillais à chaque tour de roue : premier pas d'un Juif errant qui ne se devait plus arrêter. Encore si l'homme ne faisait que changer de lieux ! mais ses jours et son coeur changent!*¹⁹ (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.155).

A passagem nos remete à ideia permanente de transformação que atravessa a obra e na qual o narrador sintetiza sua experiência, dupla e simultânea, do mundo e de si mesmo. Esta questão da transformação nas *Mémoires* é, a propósito, cuidadosamente analisada por André Vial (1978) o qual considera em sua análise as diferentes dimensões da temporalidade como categorias desta narrativa. Vial distingue as várias épocas que aí se sobrepõem a fim de entender as diferentes formas de articulação temporal que vão do tempo do evento propriamente ao instante da escrita do texto. Lembremos que Chateaubriand explicita e discute a existência de tempos diversos dentro de *Mémoires*, na qual distinguem-se diferentes modos de articulação entre o fato lembrado, o momento em que Chateaubriand rememora (aquele em que ele escreve) e o momento em que relê, corrige e altera seus escritos.

O quadro da infância na obra

A primeira vista, a narrativa sobre a infância em *Mémoires d'outre-tombe* mostra-se fiel aos modelos tradicionais. Para M. Fumaroli (2003, p.53), ao expor inicialmente sua genealogia de nobreza de espada e, a seguir, sua infância desregrada, Chateaubriand estaria aparentemente obedecendo a uma regra tradicional da segunda conversão: “[...] *son enfance est pieuse, as conversion*

¹⁸ Ver os últimos livros das *Mémoires d'outre-tombe* que fazem um longo balanço e prognóstico sobre as sociedades democráticas tais como estão se anunciando após os anos 1830.

¹⁹ “Enquanto minha mãe suspirava, minhas irmãs falavam até perder o fôlego, eu olhava com meus dois olhos, ouvia com meus dois ouvidos, maravilhava-me a cada giro da roda: primeiro passo de um Judeu errante que não poderia mais se deter. Se o homem mudasse apenas de lugar! mas seus dias e seu coração também mudam.” (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.155).

vagabonde cesse de l'être, et il revient à la foi, sinon aux moeurs de son enfance, à l'âge de trente et un ans."

Entretanto, seria uma ilusão crer em uma fidelidade completa de Chateaubriand aos modelos tradicionais das memórias aristocráticas na França, nas quais não encontramos as lembranças de juventude apresentadas com tanta amplitude e vigor. Diferentemente de seus predecessores, que abordavam obscura e brevemente a fase da infância para, a seguir, irem deter-se longamente nos feitos do nobre adulto, Chateaubriand demora-se na rememoração e análise de sua gênese tempestuosa e infância desregrada. Portanto, a particularidade do quadro dos primeiros anos, o mergulho no "*inexplicable moi*" feito pelo memorialista que, em sua vida, conhecerá uma revolução, um Império, uma restauração monárquica e uma monarquia burguesa, mostra-se como um fato literário notável. A este propósito, Fumaroli ainda nos diz:

Aussi les Mémoires que nous ont laissés les nobles d'Ancien Régime passent-ils régulièrement de la généalogie de leur famille à leurs débuts dans la vie adulte, sans s'attarder sur une enfance ni une adolescence par définition non nobles, c'est-à-dire inconnues et indignes d'être publiées (FUMAROLI, 2003, p.53).

Não pretendo me deter nas conclusões de Fumaroli, o qual vê neste quadro da juventude retratado nas *Mémoires* os sinais de um modo superior de conhecer as coisas, de um mundo extra-histórico, que Chateaubriand colocaria em relevo, no qual as crianças ainda não teriam perdido totalmente a inocência com sua entrada no mundo adulto e histórico. Embora interessante, deixo de lado esta discussão uma vez que não apresento aqui as narrações que têm por objeto a linhagem materna e que revelam o quanto muitas das imagens coloridas e primaveris ligadas a uma certa generosidade do antigo mundo estão visíveis neste lado da família.

Ressalto, no entanto, a forte evidência de que a memória deste *reino perdido* – em que realmente um princípio de liberdade em vias de desaparecimento parece estar posto – se destaca no tom de melancolia difusa da obra e que as cenas da vida juvenil do protagonista reiteram as características de um eu **inacabado**, termo que, aliás, é utilizado no seguinte contexto por Fumaroli: "*Il marque sa préférence pour les troubles et les contradictions fécondes de cet état inachevé de lui-même, et son sentiment d'être l'héritier fidèle, mais penchant sur le déclin, de ces commencements mémorables pour lui seul.*" (FUMAROLI, 2003, p.202).

Esta ideia de homem incompleto remete-nos necessariamente à duplicidade do protagonista – que de modo algum se apresenta como sujeito monolítico saído tão-somente do universo aristocrático tradicional –, às voltas com uma polarização aparentemente irreconciliável: o da tradição e o dos novos horizontes da vida republicana e democrática. De um lado, aspecto que não desenvolvemos aqui, Chateaubriand estabelece uma clara solidariedade com os interesses legitimistas monárquicos ao longo de sua vida política e intelectual, o que significou manter uma ligação clara com sua origem familiar e suas heranças simbólicas.

De outro lado, aprofunda e problematiza literariamente em suas memórias o afastamento em relação àquelas heranças e tradições nobres. Insistiu em dizer que nunca possuiu a ambição ou os instrumentos necessários para governar sua vida segundo as expectativas de sua família e que teria sido acusado de indeciso e de frágil em suas convicções, sem ser suficientemente dotado para comandar os negócios da família, além de ter orientações individuais e interesses que contrariavam o orgulho aristocrático. Nem suas aptidões nem sua situação familiar favoreciam, enfim, a salvaguarda plena dos interesses de sua classe. Sem fortuna, afetivamente relegado, indiferente quanto a seu título, dizia: “*Je ne sache pas dans l’histoire une renommée qui me tente.*”²⁰ (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.240).

Considerações finais

Pelos jogos e procedimentos de uma narrativa que modula a presença desse sujeito-protagonista maleável ou inacabado, o memorialista parece sugerir que a força e a complexidade do homem moderno passam pelo reconhecimento deste estado de precariedade e de indeterminação essenciais. Este pequeno homem da modernidade formar-se-ia, assim, pela rememoração dos laços de amizade e de família, dos costumes, da linguagem, do imaginário, de tudo o que não pode ser rejeitado uma vez sendo história recebida e experimentada, mas, em contrapartida, se constituiria também de uma solidão ou de um isolamento, fruto da independência reivindicada em relação a seu meio.

Essa característica de dualidade, ou eventualmente de abertura, que marca desde a origem o protagonista, anuncia uma estratégia peculiar de Chateaubriand para descrever a identidade de um homem cindido que deve

²⁰ “Não conheço na história nenhuma reputação que me tente.” (CHATEAUBRIAND, 2003-2004, p.240).

estar disponível às vicissitudes do tempo histórico. Ainda que preservando algumas de suas qualidades fundamentais, sua estrutura mesma deve corresponder às possibilidades do que uma nova época pode exigir e é nesta medida que o autobiografado vai se definindo também pelo ritmo da história, tornando-se, antes de tudo, um intérprete de seu tempo atual para negociar permanentemente uma perspectiva em relação ao futuro.

Childhood and youth to a Nineteenth century autobiography: F.-R. Chateaubriand

ABSTRACT: *This article aims to analyze the childhood context presented in Memoires d'outre-tombe by F.-R. Chateaubriand, and to discuss the impact of literary procedures within a narrative that plays with the elements of origin and formation of the protagonist in order to create the necessary dialogue between an identity considered as being unstable and a changing society.*

KEYWORDS: *Childhood. Tradition. Memories. Nineteenth century. F.-R. Chateaubriand.*

REFERÊNCIAS

CHATEAUBRIAND, F.-R. de. **Mémoires d'outre-tombe**. Édition établie par Jean-Claude Berchet. Paris: LGF, 2003-2004. 2 tomos.

_____. **Essai sur les révolutions, Génie du Christianisme**. Paris: Gallimard, 1978. (Bibliothèque de la Pléiade, 272).

FUMAROLI, M. **Chateaubriand, poésie et terreur**. Paris: Éditions de Fallois, 2003.

VIAL A. **La dialectique de Chateaubriand, "transformation" et "changement" dans les Mémoires d'outre-tombe**. Paris: CDU-SEDES, 1978.

